

CONSTITUIÇÃO DO *DASEIN* COMO SER-NO-MUNDO

Arnon Pereira Dos Santos*

Resumo: No presente artigo nosso objetivo consiste em obter a compreensão do *Dasein* enquanto estar-lançado (*Geworfenheit*) como ser-no-mundo (*in der Welt sein*). O mundo que temos por finalidade apresentar, neste trabalho, é uma perspectiva ontológica de um horizonte de possibilidade do *Dasein*, que o possui. Mundo de possibilidades é onde o *Dasein* se manifesta em modo de propriedade (*Eigentlichkeit*) e impropriedade (*Uneigentlichkeit*), em que ambas não se desvinculam de nenhum *Dasein* no qual não possui inferioridade no modo existencial (*Existenziale*) em ambos os modos. O modo impessoal (*das Man*) será visto como um retirar-se de si mesmo, de um poder ser próprio onde se sobressai a impropriedade do *Dasein*. Utilizaremos o método bibliográfico e a utilização da obra *Ser e Tempo* (1927) juntamente com a corroboração de seletos comentadores. Em suma, compreendemos uma parcela acerca da constituição do *Dasein* como ser-no-mundo.

Palavras-Chave: Dasein. Ser. Mundo.

DASEIN'S CONSTITUTION AS BEING-IN-THE-WORLD

ABSTRACT: In the present article our aim is to obtain the understanding of Dasein while being-launched (*Geworfenheit*) as being-in-the-world (*in der Welt sein*). The world that we have the purpose of presenting, in this work, is an ontological perspective of a horizon of possibility of the Dasein, that possesses it. A world of possibilities is where Dasein manifests itself in *Eigentlichkeit* and impropriety (*Uneigentlichkeit*), in which both do not dissociate themselves from any Dasein in which it has no existential inferiority (*Existenziale*) in both modes. The impersonal mode (of the Man) will be seen as a withdrawal from itself, from a power of its own where the impropriety of Dasein stands out. In this way, we understand a portion of the constitution of Dasein as being-in-the-world. We will use the bibliographic method and the use of the work *Ser and Tempo* (1927) together with the corroboration of select commentators. In short, we understand a portion of the constitution of Dasein as being-in-the-world. We will use the bibliographic method and the use of the work *Ser and Tempo* (1927) together with the corroboration of select commentators. In short, we understand a portion of the constitution of Dasein as being-in-the-world.

Keywords: Dasein. To be. World.

* Graduado em Filosofia pelo Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí e Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal Do Piauí. E-mail: arnon_psantos@hotmail.com

2.1 *Dasein é ser-no-mundo*

Heidegger propõe uma ontologia fundamental que, através da analítica existencial, concede análise do ser do ente que não mais é adquirida em uma acepção longínqua e sim em análise do próprio existir humano, a saber, que:

Em sua fase preparatória, a analítica existencial da presença tem como tema orientador a constituição fundamental desse ente, o ser-no-mundo. A sua meta mais imediata consiste em relevar fenomenalmente a estrutura unitária e originária do ser da presença que determina ontologicamente suas possibilidades e modos “de ser” [...] (HEIDEGGER, 2008, p. 189).

A analítica existencial heideggeriana propõe alguns termos para a designação do ser do homem em seus modos de ser. Na obra *Ser e Tempo* (1927) o *Dasein* “é” o homem em sua complexidade “é” o *ser-aí* (*Dasein*) lançado no mundo, por isso, “o ente que temos a tarefa de analisar somos nós mesmos. O *ser* desse ente ‘é’ sempre e cada vez meu”. (HEIDEGGER, 2008, p. 85).

“O estar-lançado não só não é um ‘feito pronto’ como também não é um fato acabado” (HEIDEGGER, 2008, p. 244). Nesse sentido, Heidegger aponta o ser lançado no mundo não com uma gênese cabal ou um feito pleno. Estar-lançado refere-se a um ente que lançado no mundo não se vem ou chega feito.

A analítica existencial do *Dasein* possui como eixo orientador desse ente, a saber, a sua própria constituição no mundo. Na manifestação do *ser* do ente, esta que é exclusiva de cada ente quer seja ou não somente um ente intramundano (*innerweltlich*), obtém suas potencialidades e conduta diante da revelação e participação como presença integrante do mundo. Enquanto presença integradora o *Dasein* está sujeito a modos de ser ou estado existencial próprios e sem escolhas daqueles que possuem a condição pensante própria, isto é, assumindo seu projeto e descartando a impropriedade enquanto possui pensamento transcendente, a saber, a propriedade do si mesmo de transcender enquanto projeto.

Neste primeiro tópico buscamos uma compreensão do *Dasein*, que não é um conceito heideggeriano, apenas uma designação ou indicação formal rasa, para então sugerir o que possivelmente não pode ser definido.

A expressão *Dasein* retrata um ente que “é” o único ente que procura ou tem acesso ao seu ser. Traduz-se por *Dasein: Sein* (Ser) e *Da* (aí), a saber, Ser-aí. O termo alemão é a indicação do “onde” o ser se manifesta pela qual possui uma relação recíproca com o ser do ente, isto é, o ente se ilumina do ser e o ser se ilumina do ente que é mundano.

O *Dasein* também pode ser designado como presença ou ser da presença. A palavra presença pode evitar uma dual associação metafísica entre, essência e existência, pois, segundo Heidegger, “a essência desse ente é sua existência” (HEIDEGGER, 2008, p. 380). Desse modo, a essência não se encontra no mundo das ideias ou distante. Heidegger, afirma, que:

A característica do ser do *Dasein*, de estar escondido no seu de onde e no seu onde e de estar tanto mais radicalmente aberto enquanto tal, é o que chamamos o estar-lançado deste ente no seu aí. A expressão estar-lançado vem a significar a facticidade do ser entregue. (HEIDEGGER apud VATTIMO, 1996, p. 41).

Desta maneira, o estar-lançado é o ser confiado ao mundo; estar assegurado a um modo de se encontrar no mundo e permanecer no mundo. O estar-lançado é a própria abertura (*erschlossenheit*) do *Dasein* que, simplesmente, encontra-se em sua cordial e originária possibilidade fenomenológica.

Estar-lançado acarreta o encaminhar-se a facticidade (*fakticität*) própria do *Dasein* e a busca interessada pelas coisas ou entes e a significância dos mesmos. O estar-lançado supõe ao *Dasein* a característica de lançar-se no mundo sobre a propriedade de si-mesmo (*Selbst*) na busca de sua existência mais própria.

O modo de ser, estar-lançado, não traz ao *Dasein* a possibilidade de escolha a estar no mundo sobre a temporalidade (*Zeitlichkeit*). Sabendo, então, que o estar-lançado do *Dasein* não possuiu escolha, ele agora deve escolher-se para. O poder-ser do

estar-lançado, então, é escolha e propriedade totalmente do *Dasein*, que escolhe se escolher para.

Para uma analítica existencial, é necessário, uma abordagem hermenêutica-fenomenológica e também uma possível compreensão ôntico-ontológica. É através daquilo que se revela que pode-se obter uma interpretação do *Dasein* e o seu ser. O método hermenêutico-fenomenológico é característico no pensamento Heideggeriano na abordagem do *Dasein* em sua analítica existencial.

O *Dasein* não é um ser simplesmente dado dentro do mundo é um ser que está no mundo. Somente *Dasein* é mundano, isto é, “um modo de ser da presença e nunca o modo de ser de um ente simplesmente dado “no” mundo”. (HEIDEGGER, 2008, p. 113). O ser simplesmente dado no mundo “chamaremos de pertencente ao mundo ou intramundano” (HEIDEGGER, 2008, p. 113).

O projetar-se de cada instante é o interesse do *Dasein* em poder-ser, a saber, um ser de possibilidades, que lançado possui os atributos para sair da decadência (*Verfallen*). O *Dasein* só é em propriedade o que se possibilita a anteceder-a-si-mesmo (*sich-vorweg-sein*). Em outras palavras, Heidegger diz que o “estar-lançado, porém, é o modo de ser de um ente que sempre é ele mesmo as suas possibilidades e isso de tal maneira que ele se compreende nessas possibilidades e a partir delas, a saber, projeta-se para elas”. (HEIDEGGER, 2008, p. 246-247).

O *Dasein* é um ser de possibilidade (*möglichkeit*) que se projeta em seu itinerário existencial. “O projeto sempre diz respeito a toda a abertura do ser-no-mundo” (HEIDEGGER, 2008, p.206) que em vicissitude e em meio a viabilidades de poder-ser, desperta ao propósito radical de buscar a si-mesmo. Talvez em filosofias remotas a pergunta seria: O que é o ser do *Dasein*? Heidegger, então, prefere lançar o questionamento de qual é o sentido do ser do *Dasein*. Esta última, deve ser a indagação própria de todo *Dasein* enquanto um ser de possibilidades da presença. O *Dasein* é o ente que tem conhecimento de seu ser. O *Dasein* pode escolher conquistar ou abismar-se. Desse modo, nesta relação de compreensão de si e do mundo, Benedito Nunes afirma que:

Compreender-se, compreendendo o mundo, dessa ou daquela forma, assim podendo responder a diferentes situações interpretativas seja como interlocutor, seja como exegeta, ou crítico, pressupõe que o intérprete já compreenda o ser de maneira vaga e indeterminada, porque senão ele não poderia dizer: isso significa aquilo, ou isso é aquilo. (NUNES, 1999, p. 58).

A relação da ontologia hermenêutica que Nunes (1999), apresentou acima, com base em uma reflexão do pensamento heideggeriano nos faz compreender que o *Dasein* necessita da compreensão de si e também de mundo que são co-originárias. Ter consciência de seu ser é ter consciência de mundo.

2.2 Compreensão de si é compreensão de mundo

O *Dasein* compreende seu *ser* sendo no mundo, isto é, na sua cotidianidade com os entes dentro do mundo e no mundo é que se torna inteligível a compreensão de si-mesmo. O mundo não se trata de utensílio a mão do *Dasein*, isto é, como um presente observável e alheio. Mundo é onde ocorre o projetar da ação de lançar-se em possibilidades. O *Dasein* possui o mundo como um horizonte de poder-ser e ser-em.

O “mundo” entre aspas, segundo Heidegger, “funciona como termo ontológico e significa o ser dos entes” (HEIDEGGER, 2008, p. 112). Mundo não designa somente como uma totalidade de composição do espaço e que o ser humano se movimenta. Mundo é tido como esfera de sentidos, lugar de abertura do ser, um globo na qual as coisas se mostram e são tomados com sentidos. É também um recinto, muito mais do que quando chamamos somente “mundo” como “conceito ôntico (*ontisch*), significando, assim, a totalidade dos entes que se podem simplesmente dar dentro do mundo” (HEIDEGGER, 2008, 112). As possibilidades de mundo se dá no “mundo”, pois, o primeiro diz o aspecto ôntico e o segundo as possibilidades que é o âmbito ontológico.

“O ‘mundo’, porém, não resulta da reunião desses entes como uma soma”. (HEIDEGGER, 2008, p. 120). Onticamente, poderíamos descrever o ente-mundo, mas

ficaríamos presos a um ofício dos entes e, o nosso ofício de compreensão parte de um pressuposto de mundo como um horizonte de possibilidades do ser da presença.

Podemos notar a relação de mundo e *Dasein*, pois, constituem-se conjunção relacional, isto é, não podemos pensar o *Dasein* sem mundo. Segundo Nunes (1999, p.60) o termo existensivo remete aos atos de decisão ontológica de ser no tempo. Mundo sem *Dasein* seria um mundo não-mundo, ou melhor, uma espacialidade sem a nomeação por falta do termo e sem as possibilidades de mundo. Heidegger revela que “na compreensão de mundo o ser-em também é sempre compreendido. Compreensão da existência como tal é sempre compreensão de mundo”. (HEIDEGGER, 2008, p. 202). Existência (*existenz*) enquanto tal é uma proposição equivalente a existência como equivalência de mundo.

Um contexto fundamental nos modos de ser-no-mundo, isto é, ao conhecer sobre o mundo evidencia-se um conhecimento também sobre o estado de ser da presença na mundanidade (*weltlichkeit*) do mundo. Este conhecimento adquirido torna-se tarefa do *Dasein*, a saber, assumir uma direção. Ser-no-mundo, estar-lançado, presença e *Dasein* constitui uma interpretação preliminar e própria do ser que é protagonista de sua existência de seu modo de ser-no-mundo:

Dessa forma, a compreensão do ser, manifesta tudo quanto pensamos, enunciamos, expressamos ou fazemos, é o que distingue o *Dasein*, isto é, como aquele ente que existe compreendendo o ser e que por isso pode interpretar de uma maneira a si mesmo e ao mundo, assumido nessa compreensão. Não há compreensão de si mesmo sem compreensão do mundo e vice-versa. (NUNES, 1999, p. 58).

Dessa maneira, como feito referência acima, conhecer sobre o mundo é uma aceção de conhecimento do próprio *Dasein*. E para obter êxito recíproco nessa aceção é necessário o conhecimento de ambos elementos: o *Dasein* e seu mundo.

O *ser-em* corriqueiramente é denominado por estar dentro de algo ou alguma coisa, como ser simplesmente dado (*vorhandenheit*), assim como a relação do contém e o contido. Esta relação pode explicitar o estar dentro do espaço e em um lugar, mas não como um ser simplesmente dado e sim como um protagonista do mundo. Podemos

exemplificar uma série gradativa de entes que contém e são contidos. A lousa na sala, a sala na ala B, a ala B na escola, a escola no bairro, o bairro na capital, a capital no estado, o estado na Região Nordeste, a Região Nordeste no Brasil, o Brasil na América do Sul, etc. E assim chega-se à conclusão de estar em um espaço do cosmo de modo accidental.

Essa relação accidental de estar dentro de algo faz dos entes intramundanos simplesmente-dado, isto é, a ocorrência de estarem somente dentro do mundo. Esse “dentro do mundo” caracteriza-os como entes que não possuem o modo de ser da presença. O *Dasein*, mundano (*weltlich*), deve estar em familiaridade (*vertrautheit*) com o mundo para fugir da sensação de ser somente contido dentro do mundo:

Assim, ser é habitar, residir junto de um mundo familiar. Portanto, quando empregamos a expressão ser-no-mundo, queremos dizer com isso que o mundo não se junta de fora ao *Dasein*, como um ente a outro entre. O mundo faz parte do ser do *Dasein*, tem com ele uma relação essencial não accidental: O ser-em... é a expressão Existencial formal que designa o ser do *Dasein*, enquanto este possui como constituição essencial o ser-no-mundo. (PASQUA, 1993, p. 42)

O *ser-em (in-sein)* expressa uma denominação existencial do ser da presença que se constitui de *ser-no-mundo*. O ser-em não está relacionado a um ser simplesmente dado por não pertencer ao sentido de contém e contido constitui um essencial ser-no-mundo.

Kant, apreende ou determina o eu como sujeito, isto é, uma suposição do eu em que ontologicamente é tido como algo simplesmente dado o ser do eu em acepção do *Dasein* é tido como realidade da res cogitans. (HEIDEGGER, 2008, p. 404). Heidegger, ainda observa que Kant falou sobre espaço e tempo, mas não ateu-se ao fenômeno do mundo, logo, afastou assim as representações do que vem antes do “eu penso”. (HEIDEGGER, 2008, p. 405).

Segundo o pensamento kantiano pode-se entender que mundo consiste no direcionar da razão. Sendo racionalista empirista, Immanuel Kant, tem o mundo não como uma apreensão total empírica do sujeito no mundo, mas como ser que está dentro

de espaço e tempo que torna a empiricidade como realização racional através do imperativo categórico, isto é, um dever-ser na experiência com o mundo.

Martin Heidegger compreende mundo a partir da mundanidade do mundo, isto é, a partir do modo de ser do mundo localizado em conexão com os entes intramundanos e mundanos. Na filosofia, heideggeriana, podemos notar o ser-no-mundo e a sua relação com os demais entes sendo-com-o-outro.

Ser-no-mundo, expressão heideggeriana, aponta-nos que “ser” “no” “mundo” estão intimamente correlacionados. Na filosofia da linguagem heideggeriana é reproposto uma nova escrita para então repropor uma nova ontologia. Assim, não podemos ter *Dasein* sem mundo. “Ora, em termos de ser-no-mundo isso quer dizer: porque as coisas são disponíveis, o *Dasein* está junto ao mundo, com ele familiarizado. Dentro do mundo estão os chamados entes intramundanos, mas ele é um ser-no-mundo, que está junto a.” (NUNES, 1999, p. 61). Compreendamos a relação íntima entre o termo composto ser-no-mundo que designa e difere *Dasein* dos entes que estão somente dentro do mundo.

Para Heidegger, “a ocupação é o que é, com base numa familiaridade com o mundo”. (HEIDEGGER, 2008, p. 125). O ser-no-mundo se ocupa com o mundo, isto é, não poderia ser se não no mundo em que se toma por familiarizado. Para obter uma visualização do mundo é preciso dirigir a ótica ao ser-no-mundo cotidiano em sua base fenomenal. (HEIDEGGER, 2008, p. 113). A relação entre ser-no-mundo e ocupação (*Besorgen*) se confirma, quando Heidegger, relata que: “a cotidianidade de ser-no-mundo pertencem modos de ocupação que permitem o encontro com o ente de que se ocupa, de tal maneira que apareça a determinação mundana dos entes intramundanos”. (HEIDEGGER, 2008, p. 121).

No mundo circundante (*Um*), portanto, ocorrem também entes que, em si mesmos, não necessitam de produção, estando sempre à mão. (HEIDEGGER, 2008, p. 118). Além de lembrar os materiais pelos quais são feitos, são caracterizados como entes simplesmente dados, isto é, representam a instrumentalidade e não possuem o ser da presença. O mundo circundante é caracterizado por estar contido no interior do

mundo e cada *Dasein* consegue observar de acordo com sua visão de mundo que o circunda que esta visão é única.

“O mundo ele mesmo não é um ente intramundano, embora o determine de tal modo que, ao ser descoberto e encontrado em seu ser, o ente intramundano só possa mostrar-se porque mundo ‘se dá’” (HEIDEGGER, 2008, p. 121). Heidegger afirma que não podemos falar de um mundo dentro de mundo, por isso, não é consistente uma ideia de mundo intramundano. Quando se relata, ente intramundano, logo se associa a dentro do “mundo” porque o mesmo se manifesta como totalidade ôntica. Sobre o mundo e a manualidade, Heidegger afirma:

Que o mundo não ‘consista’ de manuais, isso se mostra, dentro de outras coisas, porque, junto com o evidenciar-se de mundo nos modos interpretados da ocupação, ocorre simultaneamente uma desmundanização do manual, de tal maneira que ele aparece como ser simplesmente dado[...] (HEIDEGGER, 2008, p. 124)

A manualidade (*zuhandenheit*) trata-se do ente que está à mão para o ser da presença é característico da mundanidade do mundo, a saber, por estar acessível e em composição ao modo de ser do mundo. Heidegger, exorta a não tornar o mundo de manuais, isto é, de modos de ser à mão apenas com certa funcionalidade ou torná-lo como uma decodificação usual. Heidegger, para confirmar o comentário anterior, afirma que: “É necessário que ocorra previamente uma *deficiência* do afazer que se ocupa no mundo para que o conhecimento, no sentido de determinação observadora de algo simplesmente dado, se torne possível”. (HEIDEGGER, 2008, p. 108).

Heidegger caracteriza como uma pré-fenomenologia a descrição dos entes que estão no mundo. Para, então, obter uma acepção de mundo é necessária uma compreensão fenomenológica de mundo, isto é, obtido através da determinação da estrutura de ser. (HEIDEGGER, 2008, p. 110). Heidegger afirma que: “para se ver o mundo é, necessário visualizar o ser-no-mundo cotidiano em sua sustentação fenomenal”. (HEIDEGGER, 2008, p. 113). De certa maneira se é pôr e no mundo que acontece a realização do projeto em que nos lançamos seu ofício enquanto ferramenta

possui também um sentido de utilidade em que se busca benefício. (HUISMAN, 2001, p. 109).

2.3 Compreensão da existência: propriedade e impropriedade

Nesse tópico uma apresentação do *Dasein* e sua constituição em ser-no-mundo faz-se mister, uma análise sobre a existência de propriedade e impropriedade. O *Dasein* é através da sua essência um ser de propriedade, um ser próprio exclusivo que pode se possuir ao invés de ser um ser simplesmente dado. Os demais entes intramundanos não possuem a dualidade de propriedade e impropriedade, que o *Dasein* possui.

Ambos os modos de ser, propriedade e impropriedade, não são classificados como inferior ou superior, em relação um ao outro. São típicos do *Dasein*, e o ser de propriedade não é inatingível pela impropriedade e vice e versa. O ser é sempre próprio de cada *Dasein*.

O *Dasein* perde-se através da ocupação e preocupação: em meio a ocupação própria do *Dasein* na cotidianidade, por exemplo, como *homo fabes*, demasiado, que é tomado pelas ocupações e preocupações que chega a esvair-se de si mesmo e tomado pela impropriedade.

Na impropriedade o *Dasein* pode falar de si mesmo através do impessoal ouvindo a prescrição de um ouvi dizer. Propriedade e impropriedade não faz parte, segundo a abordagem heideggeriana, de uma prescrição ética. A voz da consciência (*Stimme des Gewissens*) constitui como um chamado a estar ou permanecer como um ser de propriedade. Sobre a impropriedade podemos tomar alguns fundamentos desse modo existencial, sendo que:

[...]Impropriedade tem por fundamento uma possível propriedade. Impropriedade caracteriza um modo de ser, no qual a presença pode desviar-se e, na maior parte das vezes, sempre já se desviou, mas que não deve desviar-se constantemente ou necessariamente. Porque a presença existe, ela se determina como o ente que ela é, a partir da possibilidade que ela mesma é e compreende [...]. (HEIDDEGER, 2008, p. 336).

Desta maneira, toda impropriedade é sempre uma metamorfose à propriedade na medida em que se projeta a um modo próprio. Toda propriedade é sempre um domínio da presença em se ter ou caminhar na busca. Todo se ter sempre é um ter e a possibilidade de não ter. Desencaminhar a propriedade para a impropriedade é um modo de prevalência que se extravia incessante ou impreterivelmente do *Dasein*. Esse modo de ser da presença de propriedade se estabelece pelo fato do *Dasein* ser quem é e como se capta a si mesmo.

“Mundo pertence ao ser-si-mesmo como ser-no-mundo. Por isso, o compreender propriamente e o compreender impropriamente podem ser autêntico e inautêntico” HEIDEGGER, 2008, p. 206). Este sentido de mundo relaciona-se ao que Heidegger menciona na página 112, quando faz a análise dos conceitos de mundo, isto é, a polissemia do termo, especificamente na significação de número 3, quando menciona o “mundo mais próximo (doméstico) e “próprio” (HEIDEGGER, p. 112). A compreensão nesta ótica particular de mundo de cada *Dasein* pode revelar que julgar um modo de ser existencial é fadado a um demasiado pré-conceito. Em, ST, Heidegger, afirma que:

[...]Impropriedade também não diz não mais ser e estar no mundo. Ao contrário, constitui justamente um modo especial de ser-no-mundo em que é totalmente absorvido pelo “mundo” e pela co-presença dos outros no impessoal. Não ser ele mesmo é uma possibilidade *positiva* dos entes que se empenham essencialmente nas ocupações de mundo. Deve-se conceber esse não-ser como o modo mais próprio de ser da presença, o modo em que, na maioria das vezes, ela se mantém. (HEIDEGGER, 2008, p. 240-241).

Fica desta maneira provável que a impropriedade da presença não pode ser designada como um constituir de não estar no mundo. Impropriedade é um ser-no-mundo em detenção do mundo e o abranger da presença por parte do impessoal. Positivamente, nota-se que há um empenho no labor ou ocupação de mundo em não-ser de modo a não se manter propriamente. Ocupar-se não somente com o mundo, mas voltar-se também a si. “Para Heidegger o ocupar-se é, um obter uma familiaridade

enquanto ser-no-mundo” (HEIDEGGER, 2008, p. 125), que necessita de lançar-se enquanto projeto no mundo.

O projetar-se é uma característica própria do ser que se possui, isto é, propriedade de si. É um modo de possibilidade própria e liberdade absoluta de escolha e transcendência do *Dasein*. Para isso, é necessária uma conscientização existencial em primeira instância da consciência de si, isto é, obter a compreensão do seu ser próprio. De igual modo obter consciência da que se trata ou refere como consciência dos outros para não se apropriar, demasiadamente, de um ser dos outros tornando-se impessoal ou impróprio. Assim, configura-se como uma característica peculiar no desenvolvimento do ser que busca a propriedade de si. Desse modo, aquilo que não é consciência minha acaba se tornando no que é minha consciência dos outros. Heidegger, afirma:

[...]No projetar de possibilidades já se antecipou a compreensão de ser. Ser é compreendido no projeto e não concebido ontologicamente. O ente que possui o modo de ser do projeto essencial de ser-no-mundo tem a compreensão de ser como um constitutivo de seu ser[...] (HEIDEGGER, 2008, p. 208).

Em vista disso o mundo como horizonte de possibilidades é constituído a partir de ser no tempo. Seu projeto confere a si-mesmo o cumprir no horizonte do tempo aquilo que lhe é devido em seu poder-ser e querer poder-ser. (HEIDEGGER, 2008, p. 308). Heidegger, aponta o projeto como modo de ser próprio e o “a gente” se confunde com o “nós” que acaba não sendo ninguém especificamente. A impessoalidade é adotada quando o *Dasein* se torna o “a gente” da ação.

2.4 O impessoal como ‘a gente’

O *impessoal* retira a manifestação do ser-si-mesmo enquanto própria do *Dasein*, a utilizar um ‘a gente’, que possibilita impropriedade do ser-si-mesmo. Em um diálogo, por exemplo, o *Dasein* utiliza o “a gente” ao invés de assumir uma posição de individualidade. Notemos, que:

[...] A pretensão do impessoal de nutrir e dirigir toda “vida” autêntica, tranquiliza a presença, assegurando que tudo “está em ordem” e que todas as portas estão abertas. O ser-no-mundo da decadência é, em si mesmo, tanto tentador como tranquilizante. (HEIDEGGER, 2008, p. 242-243).

Dessa maneira, estabelecido pelo modo de ser impessoal é um contentar-se consigo mesmo, isto é, uma conformidade que o deixa na passividade própria sem ser sujeito próprio da ação. Apropriar-se de si mesmo não significa se acostumar com as circunstâncias e seu modo de ser, mas através de uma angustiante intranquilidade de quem quer e pode ser próprio através de suas impropriedades, assim, buscar na não contentação aquilo que apreende seu modo próprio. Assim:

[...] O impessoal é e está no modo da consistência do não ser-si-mesmo e da impropriedade. Este modo de ser não significa uma diminuição ou degradação da facticidade da presença, da mesma forma que o impessoal, enquanto ninguém, não é um nada [...]. (HEIDEGGER, 2008, p. 185).

Destarte, o ser com modos de impropriedade está conjugado ao impessoal que estabelece um modo existencial de não se apropriar de si mesmo. Mas, o modo existencial da presença não há devassidão sobre o modo de ser enquanto ser de impropriedade. O modo de ser impessoal não é estabelecido em nadificação enquanto em modo da impessoalidade total que foge como devaneios.

O modo de ser impessoal diz respeito a um impreciso próprio que não decidiu ainda por si próprio. Sobre o impessoal, Heidegger, afirma que é encontrado por todas as partes, isto é, a impessoalidade é o está em tudo menos em si-próprio e isso de modo especial quando a presença exige uma decisão própria. (HEIDEGGER, 2008, p. 185). A impropriedade e o não-si mesmo é característica do impessoal que, então, se constitui como afastamento do poder-ser mais próprio, isto é, ser de propriedades. Desse modo, observa-se que o impessoal:

Não somente se interpreta como um ente natural, mas também, impropriamente, como um ente nivelado aos outros (público), isto é,

como se fosse o outro, diferente de si mesmo; o ser “em comum” se impessoaliza e torna-se potência dominadora que confere ao *Dasein* a identidade anônima, coletiva, que se expressa no termo [“a gente”] Eu sou como toda gente, faço o que os outros fazem. É o domínio do “diz-se”, “faz-se”, “pensa-se” etc. (NUNES, 1999, p. 62).

Nesta colocação, a distinção entre aquele que possui nivelção pública em seu ser em contrapartida aos demais ser de presença de propriedades nos faz compreender que na grande maioria das vezes o *Dasein* torna-se uma pessoa de “massa” ao invés de exercer a sua particularidade no seu apropriar-se de si-mesmo.

A presença, isto é, o ser-com-os-outros necessita dos entes do mundo circundante para, então, saber que é. Sabendo que eu não sou um ente que não pode não ser eu, identifico que sou singular em minha presença. Em primeira instância me distancio de ser um ente simplesmente dado, pois, sou um ente que se pergunta de seu ser e projeta em possibilidades. Em outra instância sou, pois, me “posso” em partes sei que posso ser o que anseio, mas sofro metamorfoses por influências de terceiros, isto é, o impessoal. Notemos o que Heidegger, assegura:

A presença existe em virtude de um poder-ser de si mesma. Existindo, ela está lançada e, enquanto lançada, entregue à responsabilidade de entes dos quais ela necessita para poder ser como ela é, ou seja, em virtude de si mesma[...] (HEIDEGGER, 2008, p. 453).

Desse modo, quando o ente se possui os outros não alteram o seu poder ser próprio só se o mesmo achar a necessidade de algo benéfico e que no caso constitui como uma ação livre de contribuição a si. Assim, Heidegger, afirma que: “Somente a decisão de si mesma, coloca a presença na possibilidade de, sendo e, juntamente com este, abrir a preocupação libertadora e antecipadora”. Para Heidegger, a presença que é decidida pode tornar-se testemunho consciente aos outros, brotando uma convivência em sentido próprio em modos próprios de indivíduos que são próprios de si. (HEIDEGGER, 2008, p. 380)

Heidegger aponta o encontrar-se da presença, perdida no impessoal, como próprio apropriar-se ou encontrar-se a si mesmo, a saber, para encontrar-se, ela deve

mostrar-se a si mesma em sua possível propriedade (HEIDEGGER, 2008, p. 346). Para, Heidegger, este mostrar-se é o esforço do *Dasein* que busca fazer aquilo que tem de próprio de acordo com o lançar-se em seu existencial, isto é, em protagonismo existencial.

A auto-interpretação cotidiana da presença conhece como voz da consciência aquilo que a seguir apresentaremos como testemunho. (HEIDEGGER, 2008, p. 346). Uma hermenêutica de si mesmo é um ouvir (*hórchen*) o apelo (*Ruf*) da consciência que é um testemunho da pessoalidade dada a cada *Dasein*. No silêncio, o escutar, torna o ser da presença como um ouvinte daquilo que ressoa dentro de si. A consciência é um testemunho para dar seguimento a um ser-si próprio. Com isso, “a presença necessita do testemunho de um poder-ser si mesma que, como possibilidade, ela já sempre é. (HEIDEGGER, 2008, p. 346). Em suma, podemos perceber que o silêncio é um meio pelo qual o *Dasein* pode caminhar na propriedade de si. Para isso, a “fuga” do impessoal se faz mister para que em meio a angústia possa também por essa disposição afetiva chegar a singularidade de si.

CONCLUSÃO

O desenvolvimento da presente pesquisa viabilizou uma averiguação de como se dá a constituição do *Dasein* enquanto ser-no-mundo, isto é, a elucidação do fenômeno de unidade, a saber, “ser” “no” “mundo”. Na pesquisa apresentamos também uma compreensão do *Dasein* enquanto ser-no-mundo. De modo que, o mundo pode ser entendido em sentido ôntico e ontológico, neste momento enquanto fenômeno de unidade com o ser que possibilita o sentido posteriormente citado, ontológico através da hermenêutica da existência. Além disso, impropriedade e propriedade são modos do ser-no-mundo que difere do ser-simplesmente-dado que não possuem esses modos de existenciais. Desse modo, observamos a impropriedade como metamorfose a propriedade e assim reciprocamente. Dessa maneira, o impessoal expressa a impropriedade. Dado o exposto, compreende-se uma parcela da constituição do *Dasein* enquanto ser-no-mundo com pretensão de ampliação em pesquisas posteriores.

Sobre os existenciais de propriedade e impropriedade podemos dizer, metaforicamente, que foram vistos como duas partes de uma mesma moeda, isto é, propriedade e impropriedade são existenciais intrínsecos ao *Dasein*. O impessoal ou impropriedade oculta as possibilidades próprias do *Dasein* em seu horizonte de possibilidade. Estar-lançado juntamente aos outros entes mundanos possibilita a imersão na impropriedade de si-mesmo.

Visto que mundo constitui o horizonte de possibilidades do *Dasein* e que o ser só é porque estamos sendo podemos afirmar sua co-originariedade. Essa co-originariedade se remete ao fato de que mundo e ser são intrínsecos um ao outro. Por algum tempo na filosofia, com mais força, existia a compreensão dual entre ser e mundo. O ser era compreendido ônticamente a partir de categorias. Heidegger retomou pela fenomenologia-hermenêutica-ontológica essa unidade. Como visto no texto, o *Dasein* torna-se protagonista da sua ontologia existencial. Nosso objetivo foi mostrar uma parte da compreensão constituinte do *Dasein* no mundo.

REFERÊNCIAS:

DELACAMPAGNE, Christian. **História da Filosofia no Século XX**. Tradução: Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

DIAS, José Ricardo Barbosa. **Hermenêutica na ontologia fundamental: filosofia e interpretação em Heidegger**. Curitiba: CRV, 2017.

DOWELL, João A. Mac. **A gênese da ontologia fundamental de Martin Heidegger**. São Paulo: Ed. Loyola, 1993.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 3ed – Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008.

HUISMAN, D. **Dicionário dos filósofos**. São Paulo: Martins Fonte, 2001.

NUNES, Benedito. **Hermenêutica e Poesia: o pensamento poético**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

PASQUA, Hervé. **Introdução à leitura do ser e tempo de Martin Heidegger**. Tradução de Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

VATTIMO, Gianni. **Introdução a Heidegger**. Trad. João Gama. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.